

RUI CHAFES

a mesma origem nocturna the same nocturnal origin

Textos Texts

**ANTÓNIO FILIPE PIMENTEL
HELENA FREITAS
DELFIN SARDÓ**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA COIMBRA UNIVERSITY PRESS

COIMBRA, 2008

“QUE FAREI SEM ESTE MUNDO?”



Foi este o nome que Rui Chafes — num assomo de presciência — entendeu dar a uma das suas notáveis obras, desvendada ao público, pela primeira vez, no quadro da exposição de que, por generosa disponibilidade da Imprensa da Universidade, ora se edita o competente catálogo: uma severa moldura de aço negro, ternamente pousada contra a casca ruidosa de um belo exemplar de *ginkgo biloba* (de um par, macho e fêmea), logo à entrada, no esplêndido terraço donde se divisa (antes de dissolver-se, no declive, no aparente *caos* da mata e bambusal), num impacte feérico que a cada dia se transmuda, a sábia ortogonalidade desse *hortus conclusus*: que, por ser *jardim de estudo de rapazes*, não será menos de *ostentação de príncipes*, não obstante as instruções adversas do temível marquês que, todavia, originaria a sua criação.

Que farei sem este mundo? Assim nos convoca, com efeito, a escultura de Chafes — marco rectangular de uma visão (a nossa) que lhe preexiste e por seu intermédio se projecta —, lado a lado com a imagem de Brotero, descansando exausto, no seu pedestal, de capelo e borla, modelado outrora por Soares dos Reis em sábia dignidade de exercício académico: numa feliz mútua companhia. E, pelo jardim além, as obras do mestre — com nomes raros e poéticos: *Lua morta de frio*, *Hilflos*, *Secreta Soberania (até que chegue o nosso doce reencontro)*, *Secreta Soberania (quando te vejo o mundo à nossa volta deixa, por momentos, de existir)*, *Der Misanthrop*, *Um Sopro Dolorosamente Suave...* —, ocupam, sem que alcancem tocar-lhe, o *Jardim Misterioso*: cuja chave, todavia, como no romance juvenil de Francis Burnett, pertence agora, inquestionavelmente, aos novos *visitantes*. Enquanto durar esse *doce encontro*, que a exposição proporcionou, na sua efémera intervenção, entre o jardim mágico e antigo, riscado de escadas e fontes e balizado de muros e portões de pedra, com seus altos pináculos e colunas, e

o frémio *dolorosamente suave* que lhe empresta, fugazmente, a presença subtil desses apontamentos de aço, que o *voyeurismo* do observador quase parece profanar.

Chafes é pois, de momento, através da sua obra, como o *rapaz de bronze* da historiazinha de Sophia, o génio tutelar deste jardim. Com a sua presença reforçando a perpétua metáfora que ele mesmo constitui sobre a indeclinável complementaridade entre razão e emoção. E, desse modo, a arguta compreensão que nesse microcosmos dia-a-dia se materializa, no lento transmudar das estações, do *erro de Descartes*: denunciado, por essa via, em fim de contas, com dois séculos de antecipação. Mas isso só compreende quem for capaz de questionar(-se), ao penetrar a sua cerca: *Que farei sem este mundo?* Donde a feliz presciência da sua modelação / formulação.

Do ponto de vista da Universidade, acolher a generosa disponibilidade do escultor (a que importa somar a dos colecionadores particulares, que por longos meses se viram privados da fruição das suas peças) para desvendar neste local — uma das mais fascinantes salas de exposições alguma vez criadas —, entre Março e Setembro de 2008, um núcleo representativo e sabiamente seleccionado dos seus trabalhos (plenamente reconhecidos pela crítica internacional), é um acto de elementar argúcia em relação a um *mundo* sobre o qual muito importa saber o *que fazer*.

E de elementar gestão, igualmente, de um património que a distingue e identifica e que hoje se configura como indeclinável dever, a um tempo no plano ético e no pragmático. Mas igualmente de pedagogia — como escola que a Universidade é também de cidadania — sobre a importância de mobilizar o legado histórico e a

criação artística na construção de um mundo melhor, mais justo e mais ameno: ao qual possamos convocar-nos todos e cada um, em livre diversidade, como propõem, a um tempo, o jardim, na multiplicidade das espécies que aclimata, e o mote da escultura.

Dinamizada a partir do seu Instituto de História da Arte (como repartição adequada para acolher a sua coordenação), com apoio técnico do Gabinete da Candidatura UNESCO, receberia a exposição, por isso mesmo, o patrocínio da Reitoria, bem como da Faculdade de Letras, onde o Instituto se integra e da qual depende. Mas, sobretudo, colheria desde a primeira hora entusiástica recepção e disponibilidade total por parte do Departamento de Botânica, que vela sobre o mágico jardim, em cuja preservação quotidianamente se empenha. Numa cidade onde, pelo decurso dos séculos, a noite se configuraria como um espaço/tempo de projecção imagética e identitária, unindo as gerações, pertinente será, seguramente, podermos celebrar conjuntamente, no Jardim Botânico da Univers(c)idade, em partilha ética e semântica, *A mesma origem nocturna.*

António Filipe Pimentel
Pró-Reitor para o Património
Director do Instituto de História da Arte